

## **A VOZ QUE RESISTE AO ESCRAVISMO:** gênero e raça na trajetória de Maria Firmina dos Reis

*Emilly Nayra Soares Albuquerque  
Jeissyane Furtado*

### **Resumo**

Este artigo busca uma reflexão sobre a trajetória de Maria Firmina dos Reis, literata brasileira que, por séculos, foi relegada ao silenciamento. Através de uma reflexão teórica sobre as questões de gênero e raça na escrita feminina, consoante ao que dispõe a História das Mulheres, refletiremos sobre as transgressões na escrita e nas demais atuações da romancista maranhense, que foi representada em diferentes percursos midiáticos. Para realizar tal análise, nos apropriaremos dos postulados teóricos de Simone de Beauvoir (2016a, 2016b), Virginia Woolf (2014, 2016), bell hooks (2019) e Djamila Ribeiro (2018), ao refletir sobre como a questão de gênero e raça atravessam a trajetória de Maria Firmina dos Reis, que confronta os discursos historiográficos e literários acerca da produção nacional, em uma estética narrativa que evoca um abolicionismo e uma negritude, em uma escrita que se inicia na segunda metade do século XIX e vai até os primeiros anos do século posterior.

**Palavras-chave:** Maria Firmina dos Reis; Historiografia literária; Gênero; Raça.

## **THE VOICE THAT RESISTS SLAVERY:** gender and race in the trajectory of Maria Firmina dos Reis

### **Abstract**

This article seeks a reflection on the trajectory of Maria Firmina dos Reis, a Brazilian literati who, for centuries, was relegated to ignorance. Through a theoretical reflection on gender and race issues in women's writing, depending on the history of women, we will reflect on the transgressions in the writing and other performances of the novelist from Maranhão, who was represented in different media paths. To perform such an analysis, we will appropriate the theoretical postulates of Simone de Beauvoir (2016a, 2016b), Virginia Woolf (2014, 2016), bell hooks (2019) and Djamila Ribeiro (2018), reflecting on how the issue of gender and race cross the trajectory of Maria Firmina dos Reis, which confronts historiographical and literary discourses about national production, in a narrative aesthetic that evokes abolitionism and blackness, in a writing that begins in the second half of the nineteenth century and goes until the first years of the later century.

**Keywords:** Maria Firmina dos Reis; Literary historiography; Gender; Race.

## **LA VOZ QUE RESISTE A LA ESCLAVITUD:** género y raza en la trayectoria de Maria Firmina dos Reis

### **Resumen**

Este artículo busca una reflexión sobre la trayectoria de Maria Firmina dos Reis, una literata brasileña que, durante siglos, fue relegada a la ignorancia. A través de una reflexión teórica sobre las cuestiones de género y raza en la escritura femenina, según la Historia de las Mujeres, reflexionaremos sobre las transgresiones en la escritura y otras actuaciones de la novelista de Maranhão, que ha sido representada en diferentes vías de comunicación. Para llevar a cabo este análisis, nos apropiaremos de los postulados teóricos de Simone de Beauvoir (2016a, 2016b), Virginia Woolf (2014, 2016), bell hooks (2019) y Djamila Ribeiro (2018), ya que reflexionamos sobre cómo la cuestión del género y la raza se cruzan en el camino de Maria Firmina dos Reis, que confronta los discursos historiográficos y literarios sobre la producción nacional, en una estética narrativa que evoca el abolicionismo y la negritud, en una escritura que se inicia en la segunda mitad del siglo XIX y llega hasta los primeros años del siglo siguiente.

**Palabras clave:** Maria Firmina dos Reis; Historiografía literaria; Género; Raza.

## INTRODUÇÃO

A insurgência da escrita feminina no século XIX aponta para uma nova forma de representação do mundo, enquanto signo linguístico e semiótico. Relegadas a lugares subalternos, sob a custódia do patriarcalismo, a mulher tarda na escrita literária, se em comparação aos homens. Na perspectiva de Virginia Woolf (2014), em seu entendimento de que a mulher precisa de um espaço seu para escrever, a escrita feminina rompe com os grilhões da historicidade.

Revisitar os discursos e propor uma história da mulher consiste em confrontar o sistema patriarcalista que, ainda, insiste em delimitar as nossas ciências e artes. No âmbito literário, no entanto, poucas são as mulheres que vão escrever antes do século XIX, em virtude da situação subalterna na quais se encontram. Por esta razão, a emancipação política, estética e social, como propõe Simone de Beauvoir (2016), são de extrema importância para os estudos que versam sobre a condição feminina.

No entanto, se pensarmos nas conquistas que as mulheres alcançaram ao longo da história, veremos que a mulher branca está em níveis mais avançados do que a mulher negra e, ainda, a mulher indígena. Na perspectiva teórica de Angela Davis (2016), entendemos que raça, classe e gênero são indissociáveis e necessários para uma compreensão ampla da emancipação feminina. Ainda no século XIX, quando algumas mulheres, em sua maioria brancas, lutavam pelos mesmos direitos que os homens, outras mulheres eram escravizadas e estavam submissas a um sistema escravocrata.

Em um cenário pautado pelos princípios da Revolução Francesa, no qual a mulher entra em alguns cenários até então exclusivamente masculinos, como o da escrita, surge uma personagem histórica na qual nos debruçaremos neste texto. Mulher, negra, maranhense, literata, jornalista, professora e folclorista, Maria Firmina dos Reis é apresentada sob múltiplos adjetivos, em um pioneirismo que transcende aos estudos literários e uma estética que a diferencia de outras escritoras da época, em sua maioria caucasianas.

Em uma condição subalterna, a escritora enfrentou a sociedade que lhe condicionava a uma situação de marginalidade e exprimiu identidades que, em outra época, não seriam permitidas. Ao escrever em um momento na qual a escrita era, essencialmente, uma atividade masculina, recebeu críticas nos jornais da época que conferiram uma qualidade inferior à sua

obra, pautadas por aspectos externos ao texto, como o preconceito racial e de gênero que circundava o então “Brasil revolucionário”. Dessa forma, propomos uma reflexão sobre a escrita feminina, a partir dos estudos firminianos então apresentados, sob a perspectiva de Virginia Woolf (2014, 2016), Simone de Beauvoir (2016), bell hooks (2019) e Djamila Ribeiro (2018), sobre os processos de resistência e empoderamento na escrita feminina, fugindo da visão romantizada que muitos escritores a destinam.

Em vista disso, refletimos sobre o percurso histórico e profissional de Maria Firmina dos Reis, ao se debruçar sobre as suas identidades profissionais, as suas representações ao longo da história, tecidas por uma tentativa de a embranquecer, e as perspectivas contemporâneas que lhe são destinadas, em uma reescrita da história, permeados por discursos que a minimizaram por sua condição de gênero e de raça, haja vista que são identidades reforçadas em sua escrita. Nessa perspectiva, defendemos a transcendência da escrita e da atuação de Maria Firmina dos Reis, em suas relações e imbricações, sob a respeito de temáticas que versam sobre a experiência da comunidade afro-brasileira, em questão. Em sua poética abolicionista, a escritora tece uma série de críticas à sociedade escravocrata que reflete os meandros do racismo estrutural do Brasil contemporâneo, que fecha seus olhos ao genocídio dos jovens negros, do encarceramento em massa aos assassinatos legitimados por um “auto de resistência”.

### ***Medidas emancipatórias na escrita afro-feminina: reflexões teóricas sobre as condições de produção da mulher negra***

Em uma sociedade patriarcal, que privilegia o homem em todos os âmbitos de sua estrutura, a mulher encontra-se tutelada pela figura masculina, estando à margem da sociedade. Nos últimos séculos, o discurso da emancipação feminina permitiu que direitos, até então exclusivos aos homens, fossem estendidos às mulheres, como o direito ao trabalho e ao voto, pertinentes à sua condição de sujeito.

Em sua incompreensão político-social, a luta feminista, então responsável pela constante conquista de direitos femininos, é tecida por pré-conceitos e achismos. De uma complexidade histórica e social, consciente da heterogeneidade das variáveis e das condições nas quais as mulheres estão submetidas, o movimento político é de extrema importância para a conscientização da vulnerabilidade feminina, da conquista de novos direitos e, principalmente, da desconstrução de estereótipos midiáticos, que condicionam o corpo feminino à objetificação.

Em seus postulados críticos, em uma desconstrução da tese freudiana sobre o sexo humano, Simone de Beauvoir se consolida como uma das teóricas mais importantes para os estudos feministas, em sua compreensão biológica, social, econômica e sexual da mulher. Em seu livro *O segundo sexo*, postula a relação de alteridade envolta à experiência feminina:

Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujo dois termos são necessários um ao outro [...] A necessidade biológica – desejo sexual e desejo de posteridade – que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher [...] Ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua

condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* (BEAUVOIR, 2016a, p. 17).

Em uma relação desarmônica, os jogos de poder entre o homem e a mulher são tecidos por discursos que a colocam sob a tutela masculina. Enquanto resistência a essa estrutura social, as lutas pelos seus direitos e a desconstrução de estereótipos, pressupõe ao que a filósofa francesa postula em sua fala mais conhecida:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam do feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 2016b, p. 11).

De maneira sucessória, Simone de Beauvoir nos apresenta que “certas” representações da mulher, como mãe, esposa, heteronormativa, dona de casa, disposta a cuidar do lar e da família, são discursos construídos socialmente. Não há nenhum aspecto biológico ou natural que determine o corpo feminino a esses símbolos, que nos ferem e nos condicionam a traumas, haja vista que, desde cedo, somos incentivadas a corresponder essas construções ideológicas.

Romper com a ideia de submissão feminina exige *Um teto todo seu*, como propõe Virginia Woolf, “[...] um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção” (2014, p. 12), em uma experiência da escrita. A disparidade entre os gêneros continua a ser reflexão de seu texto, no qual aponta os desafios da mulher que rompe com o sistema:

Por que os homens bebem vinho e as mulheres, água? Por que um sexo é tão próspero e o outro, tão pobre? Que efeito tem a pobreza sobre a ficção? [...] Vocês têm noção de quantos livros sobre mulheres são escritos no decorrer de um ano? Vocês têm noção de quantos são escritos por homens? Têm ciência de que vocês são talvez o animal mais debatido do universo? Eu tinha vindo com um caderno e um lápis, disposta a passar a manhã lendo, achando que ao fim da manhã eu teria transferido a verdade para o meu caderno [...] Como eu poderia encontrar os grãos da verdade enterrados em todo esse amontoado de papel?, perguntei-me, e em desespero passei a correr os olhos de alto a baixo pela longa lista de títulos (WOOLF, 2014, p. 41-43).

Nesse sentido, partindo, ainda, de uma experiência feminina singular, a escritora nos apresenta um olhar à própria representação dos gêneros, entendendo que os homens ocupam um destaque na ciência e nas artes, enquanto performance midiática. No entanto, isso não garante que mulheres não ocupem esses lugares, mas que, de alguma forma, foram silenciadas. Elas tiveram feitos científicos e confeccionaram pinturas e literaturas ao longo da história, no entanto, razão do discurso patriarcalista e misógino que circunda nossa sociedade, ora se apresentam nos rodapés das páginas dos livros de história, ora são objetificadas.

Outrossim, essa reflexão permeia outro texto de Virginia Woolf, *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*, que reflete sobre os embates e as oportunidades que as mulheres encontram no mercado de trabalho:

Na verdade, penso eu, ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar. E se é assim na literatura, a profissão mais livre de todas as mulheres, quem dirá as novas profissões que agora vocês estão exercendo pela primeira vez? (WOOLF, 2016, p. 17).

Ainda que, na contemporaneidade, encontremos mulheres ocupando diferenciadas profissões, a disparidade entre os gêneros é latente, perceptível na distribuição de oportunidades e salários para as mulheres, em comparação com os homens. Apesar de estarmos nos debruçando sobre a relação entre os gêneros, é importante salientar que as condições nas quais se apresentam são distintas e diversificadas, a depender de sua classe e raça.

As mulheres *trans*, negras, lésbicas, nordestinas/nortistas, pobres e, porque não dizer, as mais velhas, encontram-se em uma situação de vulnerabilidade que é distinta de uma mulher branca, *cis*, sulista, rica. As variáveis que nos acompanham são tecidas por representações e estereótipos que as condicionam a “lugares comuns”, no qual a ascensão ou a locomoção social incomodam a “normalidade” do patriarcalismo:

As pessoas brancas não se veem como brancas, se veem como pessoas. E é exatamente esta equação: ‘Sou branca e por isso sou uma pessoa’. Esse ser é a norma, que mantém a estrutura colonial e o racismo [...] Eu sou me torno diferente se a pessoa branca se vê como ponto de referência, como a norma da qual difiro. Quando me coloco como a norma da qual os outros diferem de mim, aí os outros se tornam diferentes de mim. Então é preciso desconstruir o que é diferença. Outro ponto importante: muitas vezes nos dizem que fomos discriminados, insultados, violentados porque somos diferentes. Esse é um mito que precisa acabar. Não sou discriminada porque sou diferente, eu me torno diferente através da discriminação (KILOMBA *apud* RIBEIRO, 2018, p. 110-111).

Uma mulher negra como juíza, engenheira ou médica gera um estranhamento na sociedade porque esses não são seus lugares comuns, haja vista que as relações escravocratas nos doutrinaram a concebê-la como a escrava do lar, ou melhor, a empregada doméstica. Romper com esse sistema e, conseqüentemente, com esses estereótipos é confrontar radicalmente o racismo, postulando uma poética da negritude, em medidas emancipatórias. Segundo hooks:

Mulheres negras, particularmente aquelas que escolheram ser sujeitas radicais, podem se mover em direção à transformação social que irá abarcar a diversidade de nossas experiências e necessidades. Transmitindo coletivamente nossos conhecimentos, nossos recursos, nossas habilidades e nossa sabedoria de uma para a outra, criamos um novo local onde a subjetividade negra radical pode ser nutrida e sustentada (HOOKS, 2019, p. 127).

Ao conceber os lugares comuns à mulher negra, refletimos sobre o seu contexto de produção literária, que se encontra em uma “margem da margem” daquilo que Virginia Woolf, em uma experiência caucasiana, entendia sobre a escrita feminina. Entre relatos e composições literárias, a produção afro-feminina vem se consolidando desde o final do século XVII, em uma resistência tripla a um sistema que privilegia a produção masculina e eurocêntrica.

Seus escritos atravessam as suas próprias experiências, em um relato que evoca a escravidão e as suas consequências, em um entendimento que ainda a vivemos em nossa contemporaneidade, mas também nos traz uma composição imagética dos embates que a mulher negra sustenta:

Se as escritoras negras de ficção não são capazes de expressar a natureza mais selvagem, as dimensões mais radicais de si mesmas de maneira estável e proveitosa, é improvável que criem personagens que ‘se comportem mal’ e floresçam. Elas podem duvidar que exista um público para livro em que mulheres negras não sejam retratadas primeiramente como vítimas. Embora os romances retratem mulheres negras selvagememente resistentes, confrontando as barreiras que impedem a autorrealização, raramente o novo *self* é definido (HOOKS, 2019, p. 111).

Ao dispor reflexões sobre o conceito de família, maternidade e corpo, a escrita afro-feminina constrói uma representação sobre a sua própria experiência, na luta de uma liberdade que, às vezes, parece inalcançável. Se no século XIX, evocava a experiência escrava, como as personagens Joana e Susana, do conto *A escrava* (1887) e o romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, no século posterior traça um comparativo entre o período escravocrata e o pós-abolição, em uma denúncia que subjaz aos controles submetidos sobre o corpo negro, de uma experiência da favela de Carolina de Jesus às dissonâncias psicossociais de *Sethe*, em Toni Morrison.

Na contemporaneidade, no entanto, percebemos a construção de uma poética que reflete as produções dos últimos dois séculos, na construção desse novo *self*, defendido por bell hooks. Ainda que seja permeada por barreiras sociais, impostas por sua condição racial e de gênero, a produção afro-feminina, seja teórica ou literária, é importante para o processo de reconhecimento e empoderamento do sujeito afro-americano, entendido por Djamila Ribeiro como o:

[...] comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. É perceber que uma conquista individual não pode estar deslocada da análise política. O empoderamento não pode ser autocentrado, parte de uma visão liberal, ou somente transferência de poder. Vai além. Significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras (RIBEIRO, 2018, p. 135-136).

Nessa perspectiva, apresentamos, ao que se sabe, a primeira romancista brasileira e a primeira escritora negra do Brasil. Maria Firmina dos Reis, enquanto mulher, negra e maranhense, rompeu com os preconceitos da sua época e edificou uma literatura brasileira, quando a educação e a escrita eram espaços inacessíveis às mulheres e, se consideramos a vigência da escravidão, jamais alçados pelas negras. Como jornalista, professora, folclorista e literata, teceu a experiência brasileira, refletindo sobre os processos históricos e a mestiçagem. No entanto, seu principal projeto consistiu na inserção do negro em nossa literatura, ao se debruçar sobre aspectos da vida escrava no Brasil, elaborando temáticas que viriam a ser debatidas na contemporaneidade, como a solidão da mulher negra.

### ***Transcendências na trajetória de Maria Firmina dos Reis***

Silenciada por mais de um século, a poética firminiana nos surge em suas estratégias emancipatórias. Como um sujeito que anseia a liberdade física e psicológica, Maria Firmina dos Reis, enquanto escritora, dispõe aos seus personagens a busca pela liberdade de serem o que desejam. Considerada a primeira romancista brasileira, a escritora vem sendo resgatada pelo movimento negro como uma das figuras que lutaram e corroboraram com o fim da escravidão no Brasil. Como abolicionista, manifestou seus ideais em suas letras poéticas e musicais à sua atuação como professora, ao ensinar os mais necessitados.

Maria Firmina dos Reis pode ser considerada como uma mulher visionária, haja vista que não correspondia aos padrões sociais destinados à mulher oitocentista. Era consciente de sua condição identitária e das mudanças políticas que vinha acompanhando, desde a luta pela independência política do Brasil até a conquista pela qual tanto lutou, o fim da escravidão, plano temático de suas obras literárias e musicais, como aponta a epígrafe do que restou do *Hino à libertação dos escravos*, composta pela escritora e Gonçalves Dias.

Por meio de seus textos, Maria Firmina dos Reis tece a sociedade que desejava: ao humanizar aqueles que nem tinham personalidade jurídica; ao olhar o outro pelo caráter humano, e não pela cor; e ao dispor de uma relação pautada pela empatia, mesmo que as diferenças e as “ordens” sociais os colocassem em uma situação de precariedade. O mundo que a escritora queria era um mundo pautado pelos princípios da igualdade, da liberdade e da fraternidade para todos os seres, e não para uma parcela da sociedade.

Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís, capital de Maranhão, em 11 de março de 1822, um pouco antes da proclamação da independência do Brasil. Filha de um fidalgo e de uma escrava alforriada, não tinha conhecimento de como se deu a relação dos pais. Aos cinco anos de idade, mudou-se para Guimarães, cresceu com a avó e uma tia materna bem situada financeiramente, sendo esta responsável pela sua formação intelectual.

Como professora, atuou por grande parte de sua vida, sendo a primeira professora de uma sala mista, a reunir homens e mulheres. Enquanto folclorista, produziu diversas canções e charadas, que remetiam à formação de uma cultura brasileira. Como jornalista, publicou em diversos jornais, dentre as suas próprias obras até críticas, e, enquanto literata, do que se conhece, produziu o romance *Úrsula* (1859), os contos *Gupeva* (1861) e *A escrava* (1887), a coletânea de poesias sob sua autoria, *Cantos à beira-mar* (1871),

Em diversos momentos, a condição de gênero e raça permeiam a escrita pessoal e literária de Maria Firmina dos Reis. Ainda que hoje seja consensual o reconhecimento de Maria Firmina dos Reis como a primeira romancista, até o século XX este lugar era delegando a outras mulheres: a Teresa Margarida da Silva Orta, tese refutada por sua ida à Portugal aos 5 anos de idade, sem qualquer retorno ao Brasil, e tendo sua literatura fincada a questões europeias; e a Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, negada pelo caráter de sua obra, que consiste em uma miscelânea de contos, crônicas e pensamentos (LOBO, 2011).

Os questionamentos, no entanto, não findam na sua atuação literária. Maria Firmina dos Reis foi representada desde o século XIX, com imagens alheias e deturpadas, se considerarmos a estética da mulher oitocentista. A figura mais antiga da literata consta em um registro da Biblioteca Pública de São Luís, no Maranhão. No entanto, a mulher na imagem não é Maria Firmina dos Reis, mas sim a também escritora Maria Benedita Câmara Bormann, de origem nobre, branca e sulista.

A primeira iconografia da escritora maranhense não se constitui somente de uma imagem alheia, mas de uma representação equívoca à sua identidade, ao que a própria escritora defendia, a sua afrodescendência. De traços finos e pele esbranquiçada, Maria Firmina dos Reis tem a sua mestiçagem silenciada, corroborando para as outras representações que lhe sucederam. Fora de uma estética feminina oitocentista, ora trazem uma imagem errônea à sua identidade, ora trazem uma representação que não corresponde ao comportamento da época, como veremos na imagem a seguir.

No século posterior, lhe será configurada uma estátua, para ilustrar o Museu Artístico e Histórico do Maranhão. Por mais pertinente que seja o reconhecimento dado à escritora, a veracidade da representação deve considerar as variáveis que a rodeiam, em busca de uma consistência que, por mais que seja intangível, se aproxime da realidade. Sob hipótese alguma, considerando a atuação profissional que tinha como professora, essa imagem representa uma mulher do século XIX, independente da condição racial ou social que apresente. De um código de vestimenta específico, o busto e o decote seriam inaceitáveis na época, compondo novamente uma imagem equivocada de quem seria Maria Firmina dos Reis.

Ao considerar que os séculos XIX e XX surgem com representações permeadas por preconceitos de gênero e raça, é na contemporaneidade que a escritora é representada “mais fielmente”. Ainda que pautados por uma ideia de quem era a escritora maranhense, as iconografias do século XXI nos remetem a uma mulher oitocentista “mais real”: assumindo a afrodescendência que a escritora nunca negou, não a sexualiza e, até certa medida, não a embranquece e nem a enegrece. A relevância dessas representações reflete os diversos olhares que lhe foram creditados, de sua contribuição à literatura maranhense (e, porque não dizer, brasileira), do seu silenciamento e o seu redescobrimento.

Nesse sentido, as dissonantes representações da escritora maranhense evocam os lugares subalternos que lhe foram destinados. Se é cabível uma imagem alheia e embranquecedora em sua primeira representação, não seria esse lugar que a historiografia literária e a sociedade brasileira relega aos seres que são, de certa forma, impulsionados à margem? Entendemos, portanto, que essa discussão é pertinente e deve ser debatida, haja vista que se elabora sobre as inúmeras representações que lhe foram concedidas, em uma performance midiática.

Como escritora, jornalista, professora e folclorista, em uma época em que alguns espaços sociais eram inacessíveis às mulheres, Maria Firmina dos Reis rompe e transcende barreiras espaciais e temporais, sendo lida na contemporaneidade, em espaços que poderiam lhe ser inimagináveis. Tendo sua contribuição desconsiderada e obra silenciada por mais de um século, é uma figura que surge na contemporaneidade e reivindica a sua posição frente aos escritores considerados importantes para a formação da Literatura Brasileira.

Maria Firmina dos Reis faleceu aos 95 anos, no dia 11 de novembro de 1917, em Guimarães, a cidade que acolheu como sua por grande parte de sua vida, onde se dedicou aos estudos das letras e a seus respectivos ensinamentos, mesmo que nunca tenha chegado a ver sua glória, já que morre cega e pobre, a viver na casa de uma ex-escrava<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ao longo da vida, Maria Firmina dos Reis adotou alguns filhos. Dentre os quais, encontra-se o filho desta ex-escrava que lhe acolheu até a sua morte.

### ***Transgredir através das letras: considerações teóricas sobre a escrita feminina***

A atuação de Maria Firmina dos Reis, nos diversos papéis que ocupou, dentre os quais está a escrita, nos permite pensar nas transgressões às barreiras sociais que são elevadas para as mulheres. A depender do local em que produzem e, conseqüentemente, aos quais estão inseridas, algumas variáveis são necessárias à sua análise, como pontua Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe* (2016). Para pensarmos na escrita emancipatória e transgressora, temos de ponderar a própria essência do ato, que está muito além do mero registro historiográfico.

A escrita, enquanto ação humana, vem sendo definida desde Aristóteles, seja em uma perspectiva pragmática ou humanista. A transposição do pensamento para a grafia é marcada por uma série de fatores extralinguísticos que inserem experiências e vivências do sujeito. A escrita feminina, nesse sentido, de acordo com as produções elaboradas pela escritora Conceição Evaristo, expressa “escrevivências”, ou seja, aponta tendências que introduzem um jeito particular de ver e compreender a realidade humana e, assim, compreendemos que os escritos femininos, enfatizados nessa reflexão, são caracterizados por uma sensibilidade que se articula com trajetórias de vida de suas respectivas autoras, percursos que são marcados por rupturas e barreiras que foram arduamente confrontadas para que fosse possível desenvolver suas produções.

Algumas críticas à essa escrita, a exemplo do que fora postulado sobre as obras de Maria Firmina dos Reis, apontam que a sua manifestação é de caráter inferior ou, ainda, de uma qualidade menor que a escrita masculina. Isso, segundo alguns excertos, se dá pelo ensino dado às mulheres, que estariam atrelados à vivência doméstica:

No Parnaso Maranhense existem alguns trabalhos de duas maranhenses, e, alterando por um pouco o methodo por mim seguido até aqui, vou tratar de ambas em um mesmo estudo, tendo de deixar por momentos alguns nomes que separão as poesias de D. Jesuina Serra das de D. M. Firmina dos Reis. O trabalho da primeira é muito ligeiro, um soneto apenas, porem escripto com elegancia, bem rimado, bem medido, e o que é mais sem o defeito que escapa aos poucos entendedores da materia, que é a terminação dos versos em syllabas longas, que os tornão mais euphonicos e lhes dá maior cunho de perfeição. Os versos de M. Firmina dos Reis indicão uma imaginação cheia de vivacidade da parte da autora; muita leitura e gosto, e o doce perfume dos sentimentos ‘saltidos’ do coração sem ensaio nem affectação. De ha muito que todos conhecem os talentos e a habilidade da autora da Ursula, assim não causou estranhesa as poesias que mandou para o Parnaso. Todos esses trabalhos d’estas duas senhoras, têm defeitos, e mesmo incorrecções, porém não desejo notal-os, porque attenta a instrucção parca e acanhada que devem ter recebido essas senhoras, demasiado já é aquillo que ellas apresentarão; outros mais habilitados do que eu, lhe darão os conselhos que carecem para bem caminharem na senda que têm ante si (Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=035156&pagfis=1791>. Acesso em 20 jan 2020).

A crítica apresentada no jornal *A imprensa* (MA), em 19 de outubro de 1861, além de comparar a escrita de duas mulheres, confere um julgo de valor aos seus textos, ao questionar a “qualidade literária” de suas produções. Essa composição, ao nosso ver, talvez não se estendesse ao escritor homem, no sentido de lhe dar dicas para uma “boa escrita”.

Dessa forma, retornamos à discussão inicial deste artigo, na proposta do que os postulados teóricos nos propunham, na tentativa de compreender as transgressões da escrita feminina. Assumir a escrita como forma de transgressão de uma realidade, conforme nos pontua Chimamanda Ngozie Adichie (2019), simboliza a reescrita de uma história, ao nos permitir uma narrativa que se constrói a partir do olhar do Outro, muitas vezes marginalizado em uma sociedade.

Ainda que foquem em questões voltadas à compreensão da identidade racial e de gênero, em uma análise filosófica, os textos de Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, bell hooks e Djamila Ribeiro se encontram com a trajetória de Maria Firmina dos Reis, em suas transgressões ao escravismo através da escrita. Na perspectiva da teórica britânica, ponderamos a necessidade de uma escrita que exige um “teto todo seu”, em uma possibilidade de independência e, conseqüentemente, de transgressão na escrita:

Essa oportunidade, acredito, está agora ao alcance de vocês. Pois acredito que se vivermos por mais um século – estou falando da vida comum que é a vida real, não das vidinhas isoladas que levamos como indivíduos – e tivermos quinhentas libras por ano e um espaço próprio; se cultivarmos o hábito da liberdade e a coragem de escrever exatamente o que pensamos; se fugirmos um pouco das salas de visitas e enxergarmos o ser humano não apenas em relação aos outros, mas em relação à realidade, ao céu, às árvores ou a qualquer coisa que possa existir em si mesma; se olharmos além do fantasma de Milton, porque nenhum ser humano deveria bloquear nossa visão; se encaramos o fato, porque é um fato, de que não há em quem se apoiar, e de que seguimos sozinhas e nossa relação com o mundo da realidade e não só com o mundo de homens e mulheres, então a oportunidade surgirá, e a poeta morta que era irmã de Shakespeare encarnará no corpo que tantas vezes ela sacrificou [...] Quanto à sua vinda sem essa preparação, sem esse esforço de nossa parte, sem a certeza de que, quando ela renascer, poderá viver e escrever sua poesia, isso não podemos esperar, porque seria impossível. Mas insisto que ela virá se trabalharmos por ela, e que esse trabalho, seja na pobreza, seja na obscuridade, vale a pena (WOOLF, 2014, p. 158-159).

Ao adotar uma pena, a mulher reivindica um lugar na arte literária que não se constrói individualmente. Em sua composição, Virginia Woolf confere que a escrita feminina vinga e justifica a escrita de muitas mulheres que tiveram esse direito negado por convenções sociais. Sobre essa ideia, se constrói a defesa de Djamila Ribeiro sobre o lugar de fala, em perspectivas raciais, ao ponderar a necessidade de políticas públicas que assegurem os direitos às mulheres: “Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, o avanço mais profundo fica impossibilitado” (RIBEIRO, 2019, p. 40).

Transgredir a escrita, rompendo as suas formas e seus usos, é lhe dar novas perspectivas. A escrita feminina, frente ao que Virginia Woolf nos propõe sobre o uso de pseudônimo masculino de George Eliot e Miss Brontë, evoca uma política que tenta se desvencilhar das expectativas tirânicas à sua identidade de gênero, no qual “sem dúvida a vontade e a capacidade de criticar outro sexo contribuíram para motivar as mulheres a escrever romances” (WOOLF, 2016, p. 30). Nesse sentido, vale pensar que a escrita de Maria Firmina dos Reis considera outras variáveis, ao que Djamila Ribeiro dispõe sobre as narrativas que se constroem na contemporaneidade:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é o objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão [...] Com todos os

limites, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas narrativas; pessoas de grupo historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir [...] Existe nesse espaço uma disputa de narrativa, mas ainda aquém do ideal por conta das barreiras institucionais que impedem o acesso de vozes dissonantes (RIBEIRO, 2019, p. 85-86).

Ao escrever no século XIX, nos jornais maranhenses, Maria Firmina dos Reis reivindica a escrita feminina, bem como o lugar de fala ao qual pertence. O escravismo, enquanto sistema socioeconômico, vai muito além da relação de senhor e escravo e, conhecendo esta realidade, a escritora brasileira se apropria da escrita, executando transgressões que se consolidam do seu objetivo às suas temáticas:

Hoje as artes de expressão não são as únicas que se propõem às mulheres; muitas delas tentam atividades criadoras. A situação da mulher predispõe-na a procurar uma salvação na literatura e na arte. Vivendo à margem do mundo masculino, não o apreende em sua figura universal e sim através de uma visão singular; ele é para ela não um conjunto de utensílios e conceitos e sim uma fonte de sensações e emoções; ela se interessa pelas qualidades das coisas no que têm de gratuito e de secreto; adotando uma atitude de negação, de recusa, não mergulha no real: protesta contra ele com palavras; busca, através da Natureza, a imagem de sua alma, entrega-se a devaneios, quer atingir seu ser, está destinada ao fracasso; só o pode recuperar na região do imaginário. Para não deixar afundar no vazio uma vida interior que não serve para nada, para se afirmar contra o dado que suporta com revolta, para criar um mundo diferente desse em que não se consegue alcançar-se, ela tem a necessidade de se exprimir. Por isso é sabido que é loquaz e escrevinhadora; expande-se em conversas, cartas, diários íntimos. Basta que tenha ambição e ei-la redigindo memórias, transpondo sua biografia para um romance, exprimindo seus sentimentos em poemas (BEAUVOIR, 2016b, p. 528-529).

Portanto, frente ao disposto, reescreve o discurso e constrói uma narrativa que questiona a história única. Como dispomos, as transgressões da escrita feminina não se constroem sozinhas, sendo um reflexo direto da luta emancipatória e a busca pela liberdade de cada mulher que rompeu com as barreiras existentes no meio acadêmico-literário. Maria Firmina dos Reis, nesse sentido, transpõe e usa a letra como seu instrumento, como ferramenta em uma atividade que fundiu suas atuações e, na contemporaneidade, suas performances.

Como sujeito, ciente das algemas que lhe condicionavam a um lugar “menor”, experienciou o seu lugar de mulher negra, denunciando os sistemas opressivos aos quais estava destinada. Romper ao escravismo e transgredir à escrita é assumir uma luta emancipatória e constante que não é particular a escritora do século XIX, mas a todas as outras que lhe sucederam e continuam a reivindicar os seus espaços, independente das suas áreas de atuação, de modo a refutar padrões que tentam reduzi-las em conformidade com estereótipos estabelecidos na sociedade.

### **Considerações Finais**

A escrita que parte de uma experiência afrodescendente cumpre o papel de emancipação a esses sujeitos, em uma poética que evoca seus elementos culturais e linguísticos. A mulher negra, condicionada a lugares comuns e subalternos, apresenta uma

vulnerabilidade social, haja vista que é permeada por estereótipos que a objetificam, seja enquanto psicótica ou como a “mulata exportação”, como bem defende a escritora brasileira Elisa Lucinda.

Seu contexto de produção, no entanto, enfrenta a “margem da margem”. Se para a mulher branca, a busca do “teto todo seu” é permeada por percalços, a escrita da mulher negra é ainda mais acentuada e de difícil ascensão. Se poucos são os nomes femininos em nossa literatura, mais escassos ainda são os de mulheres negras. No entanto, os seus escritos transcendem ao patriarcalismo, ao racismo, bem como ao tempo e ao espaço, dialogando com sujeitos que vivenciam a sua experiência, em uma poética e exaltação da negritude.

Nesse contexto, Maria Firmina dos Reis nos emana em suas vozes e atuações, ao escrever e ensinar em uma época onde o acesso à educação e ao trabalho eram privilégios masculinos. Em seus escritos, enfrenta a sociedade patriarcal, machista e eugênica do Brasil oitocentista, pondo-se diante às críticas que não julgavam o seu caráter literário, mas a sua essência identitária, da qual nunca negou e sempre se orgulhou.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. epub.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. *A Imprensa (MA) – 1857 a 1862*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=035156&pagfis=1791>. Acesso em 20 jan 2020.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ESCREVIVÊNCIA. *Itaú Cultural*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em 20 mar 2020.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (org). *Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 4. v. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

REIS, Maria Firmina. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Submetido em março de 2021

Aprovado em março de 2021

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome do autor: Emilly Nayra Soares Albuquerque  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Acre  
E-mail: [emillynayras@gmail.com](mailto:emillynayras@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5726-3659>

Nome segundo autor: Jeissyane Furtado  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Acre  
E-mail: [jeissyfurtados@gmail.com](mailto:jeissyfurtados@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6532-0513>